

# O IMPARCIAL

SEMANARIO INDEPENDENTE

ANNO I

FLORIANOPOLIS, 16 de Julho de 1916. SANTA CATHARINA

NUM. 16

## EXPEDIENTE D'«O IMPARCIAL»

### ASSIGNATURAS:

Semestre . . . . . 2\$500  
Trimestre . . . . . 1\$500

Toda correspondencia para este jornal deverá ser endereçada á Redacção d'O Imparcial.--Posta restante.--Florianopolis.

### A V I S O

A REDACÇÃO D'«O IMPARCIAL» NÃO SE RESPONSABILISA PELAS IDÉAS EMITTIDAS POR SEUS COLLABORADORES.

## OS PADRES

(D'«O Petardo»)

### Continuação

Um dia, porém, o redimido, que deve ao Padre os gozos mais puros, os dons mais preciosos, e as paginas mais brilhantes da sua vida, quer dever-lhe ainda a consagração de um acto, que vai abrir uma nova época para os seus destinos.

Apresenta-se-lhe á entrada da Igreja, trazendo ao seu lado aquella que escolhera para ser o sacerdote dos seus affectos, a desvelada companheira de seus dias, aquella que ha de suspender em torno d'elle as flores da vida, como essas delicadas trepadeiras da floresta suspendem em volta dos troncos robustos as suas grinaldas olorosas. E o Padre vincula para sempre aquelles dois corações n'um só coração, banha o thalamo conjugal nos aromas do mais puro amor, e converte o lar n'um templo e a familia n'uma aprimorada escola de moralidade, onde se formam cidadãos prestantes, obedientes á lei, mantenedores da ordem

e abnegadamente devotados á patria.

Finalmente o momento derradeiro chega para todos. Morreu! eis o termo de toda a historia, o fundo negro de todo o quadro esplendido da vida, o manifesto desconcerto no brilhante concerto do tempo. E quando a hora tremenda chega, e o mais corajoso estremece ao fixar os olhos entorvados na sepultura aberta e na espantosa soledade do cemiterio, eis que nessa hora extrema se destaca ainda a figura magestosa e serena do Padre, suspendendo das mãos tremulas e crispadas do agonizante a cruz, que fulgura como um raio de esperança e de conforto no meio das horridas sombras da morte; e a voz do Padre que dissera ao homem no crepusculo do berço—sobe para o infinito sol!—vem agora dizer-lhe ao mergulhar-se na profunda noite do tumulo—parte e confia! A' profunda escuridão que te cerca vai succeder a eterna luz d'esse infinito Sol, que foi o objectivo do teu caminhar, do teu viver e do teu progredir sobre a terra».

Oh! como é veneranda a dignidade do Padre!

Mas que disse eu de tamanha dignidade?

Conta-se que Leonardo de Vinci, tentando colorir a cabeça do Salvador no seu admiravel quadro da Ceia, arremessou para longe a sua palheta inspirada, e deixou ligeiramente apenas esboçado aquelle rosto divino, que as tintas humanas só poderiam desfigurar.

Tambem eu, tantando descrever a grandeza e magnificencia do Padre Catholico, não fiz mais que traçar um ligeiro e incorrectissimo esboço, porque a linguagem humana será sempre pallida e amor-

tecida para retratar um ente por todos os titulos venerando.

E no entanto ao Padre são arremessados todos os desprezos, todas as malevolencias, todos os insultos. Mas arremessados por quem? Pelos «tartufos», pelos «estupidos», pelos «ignorantes».

(Continúa)

## Dôr de mãe

(A' Nelson de Almeida Coelho)

Alta noite já...

Entretanto, ella ainda se achava desperta, mergulhada nas recordações que lhe vinham á mente, recordações vivas daquellas horas felizes, em que o filho idolatrado beijava-lhe a fronte e as faces já enrugadas.

O!... Como eram felizes, como eram risonhas aquellas duas fisionomias, quando juntas, em palestra ou em jogos!...

Mas agora... a guerra, esse monstro da barbaria que, de tempos a tempos, visita o mundo, tiuha-lhe arrebatado aquele filho, havia já alguns mezes, para longos, muitos longos mezes de saudades... As noites ella passava-as em luta com a insónia.

E dos seus olhos, fixados na fotografia do saudoso, gotejavam lágrimas,—lágrimas ternas...

—Será ainda um vivente o meu caro filho? Não terá perecido ainda, varado por uma bala ou por uma baioneta? Mas... Deus! Que digo!? Não! Elle não morreu; porque... esta carta...

Minha mãe. Sabes que te adoro; sabes que nunca te esqueci, que nunca rebelei-me contra a tua vontade, mas... paciencia, mãe; sabes tambem que ainda devo a vida á outra mãe,—á Patria...

—A Patria... mãe? !... Não! Uma mãe que causa a desgraça de seus próprios filhos? Não: á Patria não é mãe, e sim um cas-

telo d'orgulho edificado no coração do homem... Tal é a Pátria, isso a que chamas «outra mãe», meu filho.

«...a quem devo ainda a honra, a minha grandeza e a minha felicidade.

—Não, filho. A tua grandeza, a tua honra, a tua felicidade, tudo, tudo, enfim, deves ao teu trabalho. A Pátria, essa mãe da qual me fazes uma rival, dá-te a felicidade que tens ahí, onde estás á mercê dos rigores do tempo, enfrentando a morte, que equivaleria á desgraça desta que por ti chora!

«E tu, mãe, bem ouviste que ela chamava os seus filhos, implorando lhes socorro; e como querias que a abandonasse ao inimigo?

—Maldito, maldito sejas tu, ó vil orgulho humano, que chegaste ao coração inesperiente de meu filho, fazendo d'este mais uma presa tua!

«Portanto, mãe, espera; não duvides da nossa vitoria. Imagina o prazer que terás, quando abraçares o filho querido, já de volta, coberto de glórias...

—O' ingênuo que és, ó filho! Não ves que essas glórias são vãs? que são, ao mesmo tempo, duvidosas?

«...adquiridas nestas rejiões, onde não ha pae nem filhos; sê esperançosa! . . . . .

—Esperar, por mais tempo, sem te vêr, sem te abraçar? Não é possível... quero ver-te!

Emquanto essa triste cena de saudade pura, essa luta entre o coração materno e o destino, se passa, —lá, nas plagas da dôr, os corpos tombavam, sem cessar...

Ao troar continuo dos canhões ajuntávan-se os gritos e lamentações dos soldados.

E não havia outro ideal para aqueles homens, que mais pareciam feras bravias, que não fosse a gloria!

Terminára a batalha...

Cessaram, finalmente, os horroros ecos da artilharia.

A noite caíra, lentamente, sobre o campo juncado de cadáveres, victimas do aço e do ferro do inimigo. O céu, em desharmonia com as tristezas que reinavam na terra, conservava se estrelado...

Quem ali se achasse, ali naquele campo onde se trocaram os tiros e as mortes, veria, á fraca luz da lua, um vulto negro, a caminhar vagarosamente, baixando-se aqui e ali, como que examinando os rostos dos cadáveres...

Era aquela mãe, de quem falamos, que procurava o filho.

Em dado momento, eil-a que estaca: a lua, como si, comovendo-se pelo seu canção, a quizesse auxiliar naquella busca entre os mortos, liberta-se das densas nuvens que, por momentos, a encobriram, e a sua luz palida ilumina todos aqueles rostos que jaziam...

De súbito, um grito forte de desespero ecoa naqueles dezertos silenciosos:

—Meu filho!

E os prantos se seguem, então. Debruçada sobre o corpo inerte, branco, frio, do filho, ela soluça...

Mas eis que, passados alguns momentos, ergue-se repentinamente e, com gestos de ódio, exclama:

—O' Patria... ó mãe hipócrita! E' assim que pagas aos teus filhos o amor que eles te devotam? E' assim, deixando-os nos campos, insepultos, até que os corvos os consumam?

Essas foram as ultimas palavras que aqueles labios de mãe amorosa deixaram escapar... Seu filho, em verdade, aquele cadaver pallido e ensanguentado? Não seria, porventura um sonho? Não!... Era a cruel realidade, era a verdade palpavel o que ela via ante os seus olhos lacrimosos!...

Então eil-a que se estrangula... O seu olhar fixa naquele rosto inerte e, após alguns segundos, uma estridente gargalhada substituiu os prantos... Estava louca!

Agora, ela caminha, sem destino: passos curtos e leves, braços cruzados, cabelos soltos aos ventos, os labios sorrindo um sorriso hipócrita, sobre o qual está oculta a grande, a enorme dor daquela fatal desiluzão!...

Gustavo NEVES.

## A TARDE

O brilhante diario «A Tarde», que se publica na gloriosa terra de Jeronymo Coelho, festejou, a 1º. do corrente, a passagem do seu 2º. anniversario.

Nossas felicitações.

## HENRIQUE BOITUX

O governo da Republica, n'um acto de inteira justiça, acaba de promover a contra almirante o illustrado capitão de mar e guerra Sr. Henrique Boitux, incontestavelmente um dos mais brilhantes ornamentos da marinha brasileira.

Ao distincto catharinense, que, por seu entranhado amor á sua terra natal, se tornou credor da estima de seus conterraneos, «O Imparcial» apresenta sinceras felicitações.

## Imposto de honra!

Segundo relatam jornaes do Rio, um pobre jornalista residente em Minas Geraes, que tem numerosa familia e vive opprimido pela insignificancia de seu salario, n'um gesto de... *patriotismo*, pediu ao governo que fosse descontada mensalmente a metade de seu ordenado, afim de contribuir para resgatar a nossa divida externa!...

Seria elle um louco ou um patriota?!

Um louco talvez...

Porventura consistirá o patriotismo em tirarmos o pão dos nossos filhos, para com elle pagarmos as dividas contrahidas pela Nação, cujos governos nada mais fazem do que tirarem do pobre a ultimo camisa, creando de dia para dia impostos exherbitantes?!

Consistirá o patriotismo em o pobre exgotar as suas ultimas forças no trabalho, para com o salario adquirido nesse labutar insano, contribuir para resgatar a divida da nação?

Creio que não.

Sejamos patriotas, sejamos bons filhos para defender a nossa Patria dos ultrages que lhe forem atiradas, mas o que não devemos fazer é exgotar as nossas forças no trabalho para pagarmos, sob o pretexto de imposto de honra, os

desmandos dessa politicagem interesseira...

Se houvesse mais honradez, mais caracter, mais amor patrio em meia duzia de trampolineiros que vivem a embaraçar a Nação; se muitos, ao emvez de enriquecerem a custa da Patria, procurassem amal-a e trabalharem desinteressadamente em pról do seu levantamento, ella nunca chegaria a semelhante situação...

Essa é que é a verdade nua e crua.

Ildefonso JUVENAL.

## Tudo em nossa terra é ficticio

A nossa epigrapha será a de uma serie de artigos que nos propomos escrever, sobre diversos assumptos em que mostraremos que tudo em nossa terra é ficticio.

Principiaremos, pois, pelo mais importante dos assumptos que é a instrucção primaria da mocidade, e sobre isso ouvimos a abalizada opinião de um dos mais antigos pffessores primarios:

—R. Então, Professor, o Sr. que tem envelhecido na tremenda tarefa de ensinar, o que nos diz sobre a instrucção primaria em nosso Estado?

—P. Vai indo... vai indo.

O Governador tem-se mostrado bem intencionado pela instrucção da mocidade, porém, se tem descuidado de movimentar a mola principal d'essa grande machina...

—R. Como assim? trabalha pela instrucção e não quer a instrucção?

—P. Eu não disse que não quer a instrucção. A mola a que me refiro é a obrigatoriedade do ensino primario, como é na França, Allemanha, Inglaterra e em quasi todos os paizes da Europa.

Não havendo o ensino obrigatorio, a ignorancia ha de sempre imperar...

—R. O regulamento da instrucção cogita do caso?

—P. Sim, cogita. Veja o Sr. os artigos 125 a 128 e verá que minuciosamente tratam do caso. Estão esses artigos alli unicamente, como disse um collega, para serem lidos lá fóra, e não para serem cumpridos, o que prova a falta de frequencia na maioria das escolas. Si, meu caro, o ensino fosse obrigatorio, tivéssemos inspectores zelosos e trabalhadores, não veríamos as ruas e vendas cheias de malandros. Não é verdade?

—R. E' a pura verdade.

—P. Então meu caro, chame pelo seu jornal a attenção do Coronel Governador e Director da Instrucção, para essa medida inadiavel o terá assim prestado um grande serviço ao Estado.

A obrigatoriedade do ensino primario dará optimos resultados, se for para gregos e troianos e não para só figurar no Regulamento.

Já veem os leitores que até na instrucção da mocidade tudo é ficticio.

Xisto.

## PADRE DR. HENRIQUE BOOK

Festejou hontem seu dia onomastico o virtuoso e illustrado sacerdote Sr. Padre Dr. Henrique Book, que, durante alguns annos, com extraordinaria dedicacão, dirigiu o Gymnasio Santa Catharina, tornando-o um estabelecimento modelar, que tem prestado á mocidade de nossa terra inestimaveis serviços.

Ao distincto educador, um dos mais provecos lentes do Gymnasio Anchieta, de Porto Alegre, «O Imparcial» apresenta sinceras felicitações.



## O canto ao lado

Este meu pobre Brazil, ha muito que anda desaucado, parece mesmo que uma compressão diabolica e extranha fez as suas molas saltarem dos primitivos eixos, e afóra outros conjunctos mirabolescos, a tiára, reluzente ás faces dos homens que deveriam ter um pouco de criterio e de patriotismo, ergueu, como uma deusa de festins sardanapolescos, o seu throno,—triclinio que ha de ser, em dias que virão, o abysmo hiante onde se afundará esta Patria, berço dos Andradas, phalange denodada de verdadeiros apóstolos que souberam, com pujança e criterio, elevar lá fóra, no estrangeiro, o nome deste Brazil, outr'ora altivo e forte, como um baluarte de eternas glorias.

Mas, a doutrina que elles espalharam e pregaram como nos apontando o caminho a seguir, fóra um trabalho inutil, porque os thuriferarios mandões, pondo á margem os interesses de um povo heroico por seus feitos emprehendedores, trataram, como uma matilha de lobos famintos e vorazes, do «venha a nós», regalando-se nabalescamente á custa dos cofres da Nação. Extorquir,—é lemma dessa troça sordida de parasitas, que só se lembram da Patria fazendo discursos cheios de adjectivos pomposos, nos banquetes, empunhando taça de champagne.

A classe pobre,—a eterna besta, eternamente besta,—serve de elixir de occasião, e tanto é assim que quando os cordeis apertam, olhando-nos o estrangeiro, valente para dar o bote, pois que o paiz se acha empenhado como um objecto qualquer, os chefetes crapulas clamam por civismo e patriotismo como cousa que elles possuissem, e d'ahi os impostos que surgem, cada qual o mais desastrado e miseravel.

Ah! senhores chefetes mandões, que bom se volvessemos áquelles tempos *bães*, porque assim os desequilibrios e escandalos teriam paradeiro:—era que a imagem sinistra do patibulo a vós todos esperaria.

Fiquem certos de que, se tal acontecesse, nem uma lagrima verteria, nem tampouco murmuraria *Requiescat in pace*, o

Nathael Costa.

## CASTRO ALVES

*Tout passe. L'art robuste  
a seule l'éternité.*

(Th. Gautier)

(para o amigo Amphiloquio Gonçalves)

Transcorreu no dia 6 do corrente o 46.º anniversario da morte do grande lyrico Antonio de Castro Alves.

Castro Alves (nome pelo qual é geralmente conhecido), filho de Antonio José Alves e de D. Angelica Gonçalves de Castro Alves, nasceu na cidade de Cachoeira (Estado da Bahia) a 14 de Março de 1817.

Estudou humanidades na Bahia e sciencias juridicas e sociaes na faculdade de Recife. Matriculado na Academia de Direito de S. Paulo cursava o 4.º anno quando foi surpreendido pela morte, que abalou o espirito dos grandes intellectuaes d'aquella época.

Eis, em poucas palavras, a causa da morte do illustre vulto. Castro Alves estava á caça e, casualmente, deitou a arma sobre uma das pernas, a qual teve que ser amputada. O enfraquecimento motivado pela penosa operação a que se submetteu, aggravou-se de uma forma tal que d'alli sobreviveu-lhe uma affecção pulmonar que o victimou.

Passavam-se os dias... Castro Alves sentia-se possuido de visões funestas; pensamentos lugubres pairavam sobre seu cerebro e, assim, movido pelo impecto d'aquelles amargores, o poeta dedilhou ainda sua harpa representando o funereo, o tenebroso, nos maviosos e sentimentaes versos:

«Assim, minh'alma, assim um dia  
(adormeceste  
Na floresta ideal da ardente mo-  
cidade...  
Abria a phantasia—a petala ce-  
leste...  
Zumbia o sonho d'ouro em doce  
obscuridade...»

Finalmente despontou o fatal dia 6 de Julho de 1871 e seu espirito sublime ergueu vôo ás alturas infinitas, transportou-se á eternidade.

Castro Alves deixou varias obras, entre as quaes merecem especial menção «Espumas Fluctuantes», «Cantos do Brazil», «A Cachoeira de Paulo Affonso» e «Gonzaga ou a Recordação de Minas», drama, que mereceu os mais francos

elogios da parte do Conselheiro José de Alencar.

Alem disto publicou um opusculo com o titulo: «O Navio Negro», muitissimo apreciado, e deixou os seguintes trabalhos inditos: «Os escravos», poema; «Callhau», poema relativo á Historia da Bahia; «D. Juan», drama, e «O Diabomundo de Espronceda».

Muitos vultos de destaque nas letras consagraram ao inolvidavel poeta palavras que encerram honrosas demonstrações de apreço. Ouçamos o que diz o distincto polemista Carlos de Laet:

«Castro Alves exerceu grande influencia sobre o espirito da mocidade academica de seu tempo, fazendo sempre vibrar a nota livre e generosa em todas as questões... a muitas das suas composições não se podem recuzar verdadeiro sentimento e levantados voos lyricos.»

Sylvio Romero, o abalisado critico, escreveu:

«É talvez maior que Fagundes Varella, maior que o bom Casimiro de Abreu, maior que Bernardo Guimarães, que muitos de nossos romantics. Transporta-nos a horizontes mais amplos; faz-nos assistir a lutas mais fortes, a paixões mais intensas, mostra-nos, almas mais activas e mais ouzadas. Seu nome não poderá ser senão sempre admirado.»

Carvalho Junior, o inspirado poeta, diz:

«Chama-se Castro Alves o condor que, nas azas de uma imaginação verdadeiramente hugoana, eleva-se, em magestosos arroubos aos páramos infinitos, encara o sol e as estrellas, cuja luz brilhante um dia fatalmente elle tocaria pelo brilho fugaz de um pirilampo...»

O escriptor portuguez José Palmella, enaltecendo os meritos de Castro Alves, assim se exprimiu:

«Nascido na primogenita filha de Cabral, na terra de Rocha Pitta, de Muniz Barreto, Dantas, Paranhos, Deiró, Chagas Roza e tantos outros talentos que fulguram no céu da poesia, das bellas artes, letras e sciencias, e d'onde surgem os maiores estadistas e oradores do imperio, Castro Alves não podia deixar de revelar que era um abençoado filho d'aquella luxuosa terra, onde a natureza ergue-se em deslumbrantes thronos de esmeralda, coroados de perfumosas grinaldas, que, ao lançal-as

## Leilão

Sabemos que, breve, serão postos em leilão, ao correr do martello, os objetos abaixo mencionados:

Um prelo enferrujado, que pertenceu a Pasquino e que hoje é propriedade do celebre Silvinius Pombalis;

«Oroubo das perolas negras», suggestiva novella, que tem como protagonista um mercador de traficancias;

Um chinello, com que, ha tempos, foi amaciado o lombo de um individuo que, com calumnias e infamias, pretendeu lançar a discordia no seio da familia josephense.

para os céos—fazem cahir para terra, como inebriados de amor e poesia—os proprios deuses».

Para admirarmos a cadencia harmoniosa de seus versos reproduzimos aqui um seu formoso soneto:

### DULCE

Se houvesse ainda talisman bem dito,  
Que dêsse ao pantano a corrente pura,  
Musgo ao rochedo, festa á sepultura,  
Das aguias negras harmonia ao grito...

Se alguém podêsse ao infeliz pre-  
citar o nome de quem se cito  
Dar logar no banquete da ventura,  
E tocar-lhe o velar da insomniã escura  
No poema do beijo infinito...

Certo... serias tu donzella casta,  
Quem me tomasse em meio do Calvario,  
A cruz de angustias que o meu ser arrasta!

Mas... se tudo recusa-me o fardario,  
Na hora de expirar, oh! Dulce, basta  
Morrer beijando a cruz de teu rosario!...

Paz á alma do insigne vulto,  
cujo nome laureado epigrapha estas linhas!...

João G. Melchiades de Souza  
Fpolis, 10-7-16.